



RECENSÃO CRÍTICA

Acílio da Silva Estanqueiro Rocha

Universidade do Minho

Orcid Nº 0000-0003-0188-4066



Marcelino AGÍS VILLAVARDE, *Anatomía do Pensar: O Discurso Filosófico e a súa Interpretación*, 2 volumes (I. O Discurso Filosófico, 643 páginas; II. Historia da Interpretación Filosófica, 895 páginas), Vigo: Editorial Galaxia, 2019-2020.

Em língua espanhola: *Anatomía del Pensar: el discurso filosófico y su interpretación*, Madrid: Editorial Síndéresis, 2021 (no prelo); *Historia de la Hermenéutica: devenir y actualidad de la Filosofía de la Interpretación*, Madrid: Editorial Síndéresis, 2020, 572 páginas

Estamos perante uma obra filosófica de grande fôlego, em profundidade e extensão – uma espécie de "Suma Filosófica" em 2 volumes, em Galego – tão penetrante e rigorosa como o labor de um cirurgião na sua complexa e minuciosa tarefa anatómica – como o sugere o título *Anatomía do Pensar*. E a minuciosidade da tarefa mostra que não é possível tratar do 'discurso filosófico' de forma isolada: "Falar do discurso filosófico sem se referir ao discurso humano pareceu-me impossível. Um nasce do outro, sendo o humano um discurso de grau zero sobre que se constrói o outro mais elaborado da filosofia" (p. 10). E depois, "manejar a expressão 'discurso filosófico' pode levar-nos ao engano ou confusão, acabando por não poder distinguir entre 'filosofia' e 'discurso filosófico'", quando a distinção "existe e nela se apoiam as directrizes básicas deste trabalho" (p. 13).

Daí que a 1ª secção, "Os cinco primeiros minutos da Filosofia" (25 páginas), do capítulo I ("De que falamos quando falamos de Filosofia?"), seja um tempo de convite, no qual, tendo como guia Eric Weil, opera um trânsito ontológico, em que se passa do plano individual ou social para o realmente real (o ser): "Até a filosofia mais teórica sentiu necessidade em preocupar-se com a praxis", já que a realidade é com frequência intolerável e "o filósofo não pode ficar indiferente" (p. 38), como, por ex., o foram as respostas de Husserl ou Adorno às convulsões da I ou II Guerra Mundial, ou *O Contrato Social* enquanto proposta para abolir a violência.



RECENSÃO CRÍTICA

Acílio da Silva Estanqueiro Rocha

Universidade do Minho

Orcid Nº 0000-0003-0188-4066

Daí que o Professor Catedrático da Universidade de Santiago afirme claramente: "Eis a descrição mais plausível dos primeiros cinco minutos de filosofia em que a razão luta perdidamente com a irracionalidade, o cosmos com o caos, a violência com a concórdia, o mal com o bem" (p. 37). Na senda de Husserl, Heidegger, Gadamer e Ricoeur – Agís é um insigne estudioso do hermeneuta francês, com quem, aliás, colaborou – "a compreensão e o sentido formam as coordenadas do discurso filosófico" (p. 55), pelo que, por entre os vários tipos de 'discurso' (expressão, estrutura de duplo sentido, obra ou acontecimento, alternativa à violência), o 'discurso filosófico' "vincula a busca de sentido com a necessidade da coerência discursiva" (p. 55).

A 2ª secção – "A Filosofia, um milagre da linguagem" (23 pp.) – assume função estratégica nesta obra em 2 volumes, pois o discurso filosófico respalda-se no discurso humano enquanto tal. Neste enfoque, Agís Villaverde dilucida o contributo de várias pesquisas linguísticas, mormente as estruturais, desde Saussure e a dualidade língua-fala ou 'discurso', como, na sua sequência, a de Jakobson e os factores discursivos no processo de comunicação (emissor, receptor, mensagem, canal, código, referente), a de Bühler e a tríplice função da linguagem (expressiva, apelativa e representativa), ou a obra de Benveniste segundo a qual "o epicentro do discurso é a frase" (p. 75); sendo esta o mais pequeno segmento do discurso, a narrativa – Roland Barthes salienta-o – participa da frase sem reduzir-se a uma soma de frases.

A 3ª secção, "O ser do discurso e o discurso sobre o ser" (30 pp.), é um tempo de acolhimento, em que o Autor está em condições de aprofundar o 'discurso filosófico', sobre o qual "não existe uma definição", já que há "múltiplas aproximações", como "existem múltiplos discursos" (p. 79), para o que perfaz um longo percurso: das Investigações Lógicas de Husserl, de Merleau-Ponty (a expressão com o seu correlato comunicativo mais imediato), da teoria dos 'speech acts' de Austin e Searle, do "discurso e o símbolo" segundo Edmond Ortigues, e, em relação com Aristóteles, do pensamento do último Heidegger (o discurso filosófico e o poético), até aos escritos de Ricoeur sobre a interpretação e a metáfora, de modo que a "hermenêutica torna-se então uma disciplina fundamental para que o pensamento abra o caminho a uma filosofia do sentido do ser que cada discurso oferece" (p. 109).

Então, a partir do capítulo II ("As metamorfoses do discurso"), Agís Villaverde presenteia-nos com uma pluralidade de interpretações, vinculando o discurso com o acontecimento, donde o discurso histórico e a 'trama' vista como "a mediadora entre



RECENSÃO CRÍTICA

Acílio da Silva Estanqueiro Rocha

Universidade do Minho

Orcid Nº 0000-0003-0188-4066

os acontecimentos ou incidentes individuais e a história entendida como um todo" (p. 119), e portanto também a acção e a obra, dialogando de novo com a linguística estrutural, a filosofia analítica, a fenomenologia husserliana, a ontologia heideggeriana, com os expoentes da hermenêutica filosófica (Schleiermacher, Dilthey, Gadamer, Ricoeur) e com a 'crítica das ideologias' de Habermas; já sobre a relação com a acção, são longas as análises sobre J. R. Searle, sobre a intenção e a acção, ou as relativas a G. H. von Wright, sobre a explicação da acção (abandonando a lógica da acção, versa sobre problemas como a causalidade, explicação teleológica ou intencionalidade). Da frase ao discurso, do qual é unidade básica, transita-se dela ao texto, e deste à obra, que é, na esteira de Ricoeur: "a sequência acabada de discurso que pode ser considerada como um texto" (p. 133). Daí que Marcelino indague, na senda de Ricoeur, como a "metáfora viva" é fulcral em duas funções relevantes – a inovação semântica e a função heurística.

O autor prossegue a sua odisséia filosófica por mais seis capítulos, em que é mister dilucidar condicionantes do autor, desde a biografia, o 'problema das gerações', a tradição, a relevância da oralidade e da escrita, em que, para além da Retórica e da Poética de Aristóteles, e nomes já citados, surgem também Ortega y Gasset, Perelman, Hans R. Jauss. Sobre a escrita, não poderia olvidar-se Derrida e o seu projecto gramatológico, pois "assenta na crítica ao conceito tradicional de signo assim como à autoridade do sentido entendido como significado transcendental" (p. 275), a que ele chama 'arqui-escrita', que, prévia à linguagem, é condição da própria linguagem.

É crucial a questão: "Pensamos com palavras?" (cap. VI), em cuja resposta, na linha de Max Black, estuda as relações entre linguagem e pensamento, e sobre o que Aristóteles, Locke, Kant, Hegel, Nietzsche, Heidegger ("Que significa pensar?"), Frege, Lyotard, Ricoeur, Brémond, Ogden, Richards, e outros julgaram sobre o assunto. Nesta sequência, impunha-se considerar "o processo da leitura" (cap. VII) – qual "prazer do texto" –, pois, "para quem lê, compreender é sempre um compreender-se, através da mediação dos textos" (p. 424); além da relação entre texto e contexto, assume relevância a dialéctica entre o autor e leitor, pois sem este "carece de sentido falar dum texto como obra viva" (p. 448), que o Prof. Marcelino clarifica mediante as 3 'mimeses' ricoeurianas, rematando com o tema clássico da "estética da recepção", na pegada de Jauss e Ricoeur, Iser, e outros.

Por fim, resta reflectir sobre o discurso filosófico, "um discurso em contínua tensão entre a universalidade a que aspira pelo seu objecto e a particularidade a que



RECENSÃO CRÍTICA

Acílio da Silva Estanqueiro Rocha

Universidade do Minho

Orcid Nº 0000-0003-0188-4066

o reenvia o método e técnicas de cada autor" (p. 597); mas, para isso, foi necessária uma pausa e meditar sobre a significação do 'silêncio' no discurso, inquirir os 7 tipos de argumentos (na esteira de Perelman) pela conexão estreita entre filosofia e retórica, vislumbrar o estilo como ADN do escritor, realçar o diálogo (3 tipos dialógicos) como "hospitalidade linguística".

Após essa odisséia filosófica que é explorar o volume I – "o discurso filosófico nasce como um trabalho incessante para aceder à verdade, valendo-se da razão" (p. 598) – o volume II patenteia-nos como, ao longo da história, se entrelaçaram a conceptualização-interpretação-recepção de ideias filosóficas veiculadas através de obras escritas, cujo processo (em 12 capítulos) se nutriu dos elementos que integram o discurso filosófico (vol. I) – ideias, textos e contextos, como autores, leitores, argumentos, estilos, diálogos –, assim reconstruindo Agís Villaverde o modo de pensar através dos tempos, numa história das interpretações filosóficas, criando, porventura, "uma história alternativa da filosofia" a partir da perspectiva dos leitores das obras filosóficas – afinal uma orientação inovadora e profundamente dinâmica.

Com tal escopo, após um exercício em que compara "a hermenêutica filosófica e os seus parentes" (cap. II), isto é, a exegese bíblica, a hermenêutica filológico-literária e a hermenêutica jurídica, Marcelino empreende uma história da "filosofia interpretada", desde "a interpretação filosófica na Cultura Grega" (cap. III), "a interpretação textual na Idade Média" (cap. IV), "a interpretação na Época Moderna" (cap. V), dedicando-se depois afanosamente aos alvares da hermenêutica contemporânea e as várias correntes, e a "outras hermeneias" (Foucault, Derrida, Apel e Habermas, Vattimo, Beuchot).

Os 3 últimos capítulos são dedicados à hermenêutica em Espanha, em Portugal e na América Latina. Nas 70 páginas consagradas a Portugal (cap. XI), analisam-se sobretudo as universidades e o labor académico de cerca de 20 investigadores, cultores que foram da hermenêutica nas últimas décadas (com destaque para Ricoeur), num roteiro – "o mapa hermenêutico português" (p. 690) – que, de Braga (Universidade do Minho, Universidade Católica), passa pelo Porto, Coimbra, Évora, e respectivas universidades, Lisboa (UCP, UNL, UL, ISPA) e a Universidade dos Açores, valorizando sempre os temas inovadores que cada autor versou, dissertações pioneiras, obras influentes, revistas e colecções filosóficas. Sendo um capítulo que densifica a situação lusa até à publicação da obra, e também pelo amplo e profundo



RECENSÃO CRÍTICA

Acílio da Silva Estanqueiro Rocha

Universidade do Minho

Orcid Nº 0000-0003-0188-4066

trajecto da obra em 2 volumes, esta não poderá passar despercebida aos cultores da hermenêutica, seja ela bíblica, histórica, filológico-literária, jurídica ou filosófica.

Acílio da Silva Estanqueiro Rocha

Universidade do Minho



RECENSÃO CRÍTICA

Acílio da Silva Estanqueiro Rocha

Universidade do Minho

Orcid Nº 0000-0003-0188-4066